

Analistas condenam operação ARO

Economistas vêem antecipação de receita como sinal de desajuste das finanças públicas

O crescimento das operações de Antecipação de Receita Orçamentária (AROs), feitas por prefeituras e governos estaduais, é apontado por analistas ligados ao mercado financeiro como o principal sintoma da falta de ajuste das finanças do setor público. Para o professor Paulo Nogueira Batista Jr., da Fundação Getúlio Vargas (FGV), a procura por financiamentos como esse "podem crescer mais ainda", pois "o governo federal, provavelmente, está preocupado porque 1996 é ano de eleições municipais".

De acordo com Nogueira Jr., um economista sempre consultado pelo PT, a informação divulgada pelo Banco Central na semana passada de que os empréstimos de antecipação de receita aumentaram em 112%, em relação ao mesmo período do ano passado, revela "demanda de alívio financeiro".

Segundo o economista, o círculo vicioso com que prefeitura e governos se endividam e, em consequência das altas taxas de juros, acabam aumentando ainda mais as dívidas, dificulta o ajuste global do setor público. Para ele, esse contexto "ajuda a entender porque os governadores são tão simpáticos à reforma administrativa, já que as folhas de pagamento compõem o quadro de dívidas de Estados e municípios".

Para o ex-ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, administradores estaduais e municipi-

pais estão procurando nas antecipações de receita orçamentária pagar dívidas de curto e médio prazo e o governo federal está sendo condescendente. "O Senado tem de criar critérios para esses fi-

nanciamentos e o BC tem de colocar limites", advertiu.

Segundo o ex-ministro, a solução está na redução de despesas. "O caminho é diminuir a folha de pessoal, os juros e resolver a situação previdenciária do setor público", disse. Para ele, "a situação de Estados e municípios vai contaminar o governo federal".

**CRISE VAI
CONTAMINAR
UNIÃO, DIZ
GALVÊAS**